



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO**

**ALLAN GOMES CALLADO**

**TERRA, SANGUE E PALAVRA:  
ASPECTOS DE JORNALISMO LITERÁRIO NA COBERTURA DO ASSASSINATO  
DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

ALLAN GOMES CALLADO

**TERRA, SANGUE E PALAVRA:  
ASPECTOS DE JORNALISMO LITERÁRIO NA COBERTURA DO ASSASSINATO  
DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Jornalismo.

**Área de concentração:** Mídia e estudos culturais.

**Orientador:** Prof. Me. Rafael de Araújo Melo.

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C141t Callado, Allan Gomes.  
Terra, sangue e palavra: aspectos de jornalismo literário na cobertura do assassinato de João Pedro Teixeira. [manuscrito] / Allan Gomes Callado. - 2023.  
37 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2023.  
"Orientação : Prof. Me. Rafael de Araújo Melo, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA. "  
1. Jornalismo literário. 2. Severino Ramos. 3. Gonzaga Rodrigues. 4. João Pedro Teixeira. 5. A União. I. Título  
21. ed. CDD 070

ALLAN GOMES CALLADO

TERRA, SANGUE E PALAVRA:  
ASPECTOS DE JORNALISMO LITERÁRIO NA COBERTURA DO ASSASSINATO  
DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a Departamento do Curso de  
Jornalismo da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de graduado em  
Jornalismo.

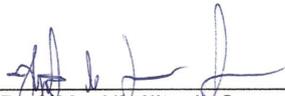
Área de concentração: Jornalismo  
literário.

Aprovada em: 30/11/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Rafael de Araújo Melo (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Hipólito de Sousa Lucena  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Agda Patrícia Pontes de Aquino  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, DEDICO.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 OS AUTORES DA REPORTAGEM.....</b>	<b>10</b>
2.1 Severino Ramos.....	10
2.2 Gonzaga Rodrigues.....	12
<b>3 JORNALISMO LITERÁRIO.....</b>	<b>13</b>
3.1 Linguagem literária.....	13
3.2 Enredo.....	16
3.3 Subjetividade.....	18
<b>4 VIOLÊNCIA NO CAMPO.....</b>	<b>21</b>
<b>5 UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA DA REPORTAGEM.....</b>	<b>24</b>
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
<b>ANEXO A – CINCO MIL CAMPONESES FORAM AO ENTERRO DE JOÃO PEDRO MOSTRAR QUE A LUTA CONTINUA.....</b>	<b>34</b>

# TERRA, SANGUE E PALAVRA: ASPECTOS DE JORNALISMO LITERÁRIO NA COBERTURA DO ASSASSINATO DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA

CALLADO, Allan Gomes<sup>1</sup>

## RESUMO

Esse artigo tem como objetivo identificar e analisar os elementos de jornalismo literário na reportagem “Cinco mil camponeses foram ao enterro de João Pedro mostrar que a luta continua”. Através de exploração teórica sobre linguagem literária, enredo e subjetividade no texto jornalístico pretendemos compreender como a reportagem utilizou esses elementos na sua composição. Pelo método da análise de conteúdo qualitativa, desenvolvido pela professora Laurence Bardin, buscamos apreender e compartilhar algumas dessas técnicas para escrever a redação jornalística, na sua forma de gênero literário. São diversas as técnicas que a literatura pode fornecer ao escritor de um jornal. Sobre esses tipos de expressões recai este estudo, pretendendo mapear algumas formas de se expressar com o objetivo de ir ao aprofundamento de uma história. Narração, descrição, enredo linear e não-linear, metáfora, figura de sintaxe são algumas ferramentas que estão à disposição do redator como instrumento linguístico para levar uma notícia ao plano emocional.

**Palavras-Chave:** Jornalismo literário; Severino Ramos; Gonzaga Rodrigues; João Pedro Teixeira; A União.

## ABSTRACT

This article has the objective to identify and analyse the elements of literary journalism in the reportage "Five thousand of agricultural workers go to João Pedro death ceremony to shows the fight will going on". Throught teoric exploration about literary language, storyline and subjectivit in the journalism text, we want to pretend have the comprehension how the reportage used these elements in his composition. By the metod of Content Analysis, develouped by Laurence Bardin teacher, we are search for understanding and share some of these tecnics to write the journalistic text, in his literary gender. There are many literary tecnics that can be used by a journal writer. This study is about this. This study pretend to map some forms of expression with the objective of tell a long history. Narration, description, linear and non-linear storyline, metaphor, figure of syntax are some tools that are available to the writer as a linguistic instrument to take news to an emotional level.

**Keywords:** Literary journalism; Severino Ramos; Gonzaga Rodrigues; João Pedro Teixeira; A União.

---

1

## 1 INTRODUÇÃO

O ato de escrever é uma tentativa de imprimir em palavras o mundo que nos cerca, mas acontecimentos, emoções, pensamentos só se exprimem em texto se o autor tiver a capacidade de processar o que viu, o que ouviu, o que sentiu ou o que pensou em expressão verbal. Isso depende, em parte, do aprendizado da técnica da literatura, essa arte complexa, da qual deriva o jornalismo.

Gruszynski (2011) diz que:

O ato de conhecer, ao passar necessariamente pela mediação simbólica, depende da apreensão simultaneamente sensível e racional de sujeitos condicionados por sua capacidade perceptiva, formação e posição social. É por meio do exercício da linguagem que o mundo se torna inteligível (p.1).

Sendo assim, que técnicas literárias foram implementadas para a construção textual da reportagem “Cinco mil camponeses foram ao enterro de João Pedro mostrar que a luta continua”? Essa pergunta norteou a produção deste artigo, que tem o objetivo de identificar e analisar alguns desses elementos.

Pela análise de conteúdo qualitativa, da professora Laurence Bardin, como método aplicado a esse trabalho, pretendemos estudar as categorias linguagem literária, enredo e subjetividade no texto jornalístico.

O estudo vai começar percorrendo um levantamento biográfico dos jornalistas Severino Ramos e Gonzaga Rodrigues. Logo em seguida, partimos para o estudo de natureza literária. Em um primeiro momento, vamos evidenciar a linguagem literária como uma técnica de aprofundamento do texto jornalístico, depois vamos estudar os tipos de enredo como alternativas às tradicionais fórmulas jornalísticas de construção textual e terminamos observando que mesmo o estilo de linguagem de um texto jornalístico pode conter traços de subjetividade.

Após esse percurso, faremos uma contextualização da morte de João Pedro Teixeira e por fim analisaremos as técnicas literárias empregadas na reportagem.

A reportagem “Cinco mil camponeses foram ao enterro de João Pedro mostrar que a luta continua” segue essas características e foi escrita pelos jornalistas paraibanos Severino Ramos, natural de Santa Rita, e Gonzaga Rodrigues, do município de Alagoa Nova. O jornal A União a publicou em 4 de abril de 1962. Em 1989, Severino Ramos voltou a publicá-la no livro “Crimes que abalaram a Paraíba vol. 1”.

Através de recurso literário, os jornalistas escrevem o que vem a se transformar na descrição detalhada, em ordem cronológica, de como transcorreu o enterro de João Pedro Teixeira, em um momento singular de engajamento na história da imprensa paraibana. Além do enterro, a matéria entrevista Elizabeth Teixeira, o advogado José Gomes da Silva e noticia o andamento do inquérito investigativo.

Buscamos, assim, apreender e compartilhar técnicas para o aprimoramento da redação.

Em termos de estrutura, o trabalho está dividido em: introdução, referencial teórico e análise. No referencial teórico, abordamos alguns elementos de jornalismo literário, como linguagem literária, enredo e subjetividade. Na análise, o nosso estudo se dedica a entender quais foram as técnicas utilizadas para a escritura deste texto. Além disso, há um capítulo a parte, sobre a produção da notícia no contexto da morte de João Pedro.

Severino Ramos é natural de Santa Rita. Ele tem uma ampla carreira profissional. Ocupou todos os cargos que se pode imaginar de se ocupar na redação de um jornal. Também ocupou todos os cargos que se pode imaginar na gestão de empresas jornalísticas. Foi, além de tudo, procurador do estado da Paraíba e escritor de diversos livros, que vão da crônica à reportagem, passando por entrevistas, biografias e depoimentos.

Já Gonzaga Rodrigues é natural de Alagoa Nova. Atualmente cronista do jornal A União e detentor da cadeira de nº 37 da Academia Paraibana de Letras. Além de A União, ele trabalhou em O Norte e tem uma vasta publicação de livros.

Após essa apresentação dos autores, o estudo explora teoricamente alguns elementos de jornalismo literário. A linguagem literária é o começo de tudo. É o primeiro elo existente entre jornalismo e literatura. Trabalhar a linguagem é entendida como a primeira possibilidade da criação literária. Para isso, o jornalismo tem que buscar outros modos de expressão, que ampliam significados e conseguem transmitir com mais profundidade a emoção para as páginas de um texto.

Depois, apresentamos a técnica do enredo e por fim abordamos o elemento da subjetividade.

O enredo é observado como uma alternativa à fórmula da pirâmide invertida, tradicional do jornalismo convencional. A partir do enredo, o jornalista pode recriar cenas inteiras, detalhe por detalhe. Com o enredo o jornalista pode focar as vidas e

as ações das pessoas em determinadas temporalidades e ambientes onde acontecem. O enredo possibilita a tessitura de histórias, com seus dramas reais.

E a subjetividade é entendida na sua certeza de que vai ocorrer. A impressão do repórter está sempre presente, seja no molde clássico, premido pela objetividade, embora não reconhecido, seja no molde literário, no qual não só aparece, como é estimulado a aparecer, devido às suas possibilidades também de criação literária, a partir da recriação de ambientes e da exteriorização de sentimentos interiores de personagens, por exemplo.

Em seguida, esse artigo contextualiza a produção da notícia.

Quando João Pedro Teixeira morreu, o jornal A União se prontificou a fazer a cobertura do caso. Os seus repórteres, dizem os relatos, foram os primeiros a chegar ao local do crime. Lá encontraram um corpo estilhaçado por balas de fuzil. Era a repressão agindo para parar a atuação de uma liderança sindical da zona rural nordestina. João Pedro era fundador das Ligas Camponesas na Paraíba e descrevemos essa história.

Por fim, analisamos a reportagem e apontamos a presença do emprego de linguagem literária, através do recurso da descrição literária, das figuras de estilo e das figuras de sintaxe. A reportagem também se caracteriza por apresentar tanto enredo linear quanto enredo não-linear. Além do mais, encontramos uma linguagem literária permeada por subjetividades, com impressões dos repórteres e descrições de ambientes e de pessoas.

## **2 OS AUTORES DA REPORTAGEM**

### **2.1 Severino Ramos**

Jornalista negro da Paraíba, nasceu em 19 de agosto de 1938.

Natural do município de Santa Rita, localizado na mesorregião da Mata paraibana, Severino Ramos Pedro da Silva começou a trabalhar como jornalista no ano de 1954. O seu primeiro emprego foi no Correio da Paraíba. Em 24 de agosto daquele ano, ele foi à sede do jornal, em João Pessoa, e solicitou a publicação de um texto de sua autoria. Alguns dias depois, o seu texto foi publicado e passadas algumas semanas conseguiu uma vaga na empresa, onde ao longo de 14 anos, foi repórter, chefe de reportagem, secretário, editor e colunista.

Além do Correio da Paraíba, Biu Ramos trabalhou nos jornais “O Norte” e “A União”.

Em “O Norte” publicou as colunas “Entrelinhas” e “Linha Direta”. Em “A União” foi Diretor-Geral da Imprensa Oficial, no governo de Ernani Sátiro (20 de março de 1971 - outubro de 1971) e Superintendente de A União no governo Tarcísio Burity (1988 - 1991).

A sua carreira também passou pelo rádio. Na rádio Tabajara, foi apresentador, Diretor do Departamento de Jornais Falados, Diretor Artístico e Superintendente. Na rádio Correio foi apresentador do programa “Diário Íntimo da Cidade”.

De acordo com a contracapa do livro “Crimes que abalaram a Paraíba vol. 2”:

De 1965 a 1975, foi o primeiro correspondente do “Jornal do Brasil” na Paraíba. Também durante dez anos foi correspondente da “Folha de São Paulo” e das revistas Veja e Realidade, e o primeiro diretor da sucursal do “Diário de Pernambuco” em João Pessoa

O texto prossegue:

No governo de João Agripino, foi um dos integrantes da equipe da Secretaria de Divulgação e Turismo, cujo primeiro titular foi Noaldo Dantas. Primeiro editor do semanário “O Momento”, fundado pelo atual Secretário de Justiça Jório Machado, Biu Ramos foi, ainda, Assessor de Imprensa do ex-prefeito Hermano Almeida e secretário de Cultura, Turismo e Desportos do governo Tarcísio Burity-II. Em 86, candidatou-se a deputado estadual, participando ativamente da campanha que elegeu Burity ao Palácio da Redenção. Foi presidente da Associação Paraibana de Imprensa por três vezes.

Biu Ramos também foi procurador do estado.

Por fim, foi autor dos livros: Arca dos Sonhos – Ou Mocidade e Outros Heróis (1986); Crimes que Abalaram a Paraíba – Volume 1 (1989); Agripino – O Mago de Catolé (1991); Memórias de um Repórter (1994); Crimes que Abalaram a Paraíba – Volume 2 (1995); A Verdade de Cada Um (1998); Era Uma Vez Um Boêmio – Histórias e Fantasias de Mesa de Bar (2000); Paraíba: Nomes do Século - João Agripino (2000); Paulo Pontes - Vida e Paixão (2002); Burity – Esplendor & Tragédia (2008).

Ele faleceu em 28 de julho de 2018, aos 79 anos de idade.

## 2.2 Gonzaga Rodrigues

Luiz Gonzaga Rodrigues foi redator e repórter da matéria “Cinco mil camponeses foram ao enterro de João Pedro mostrar que a luta continua”, que produziu em parceria com Severino Ramos. Em 1962, quando a reportagem foi publicada, Gonzaga estava a dez anos trabalhando em “A União”, onde entrou em 1952. Em entrevista para a TV Câmara, declarou ter escolhido o jornalismo como profissão pois percebeu que era um caminho para exercer a sua vocação literária: “eu queria ser poeta. Meu problema era esse, ser poeta”.

Atualmente, com 90 anos de idade, ele publica crônicas em “A União”, aos domingos.

“Durante mais de três anos, enquanto não surgiu ordem em contrário, as páginas do jornal não deixavam em branco os fatos e pronunciamentos mais evidentes do movimento camponês”, escreveu no livro “A União 120 anos: uma viagem no tempo”, publicado em 2013.

Em depoimento na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), durante o debate “A Atuação dos Advogados, Intelectuais, Estudantes e Imprensa” do seminário Memória das Ligas Camponesas, na tarde de 28 de abril de 2006, declarou que:

“Isso foi possível porque o governo autorizou? Não, porque existia uma consciência nas redações, fermentada pela onda geral, fermentada pelos modelos, existia uma consciência que permitia isso e nós íamos ao limite”.

Gonzaga Rodrigues nasceu em 21 de junho de 1933 em Alagoa Nova.

Escritor e cronista, é autor dos livros: Notas do meu lugar (1978); Um sítio que anda comigo (1988); Parahyba: a cidade, o rio e o mar (1991); Discurso de posse na APL (1993); Filipéia e outras saudades (1997); Paraíba: Nomes do século - José Maria dos Santos (2000); O abraço das águas (2002); Café Alvear: ponto de encontro perdido (2003); Retrato de memória e outras histórias (2005); PONSA: o nordeste posto à prova (2005); José Targino Maranhão: uma vida de coerência (2009).

O site da Academia Paraibana de Letras (APL) destaca a sua passagem pelos órgãos de imprensa paraibana, com registro da sua colaboração para o

desenvolvimento da literatura local, uma trajetória dedicada às letras que o fez chegar à cadeira 37 da APL, no ano de 1993:

Ingressou no Jornal O Norte, através do jornalista José Leal, como revisor, passando a redator e, em seguida a editor, estas mesmas funções ele exerceu no Jornal A União, chegando a Diretor Técnico. Colaborou como cronista nos jornais O Norte, A União e no Correio da Paraíba; [...] foi Secretário de Comunicação Social do Estado; Presidente da Associação Paraibana de Imprensa; coordenou, com o escritor José Octávio de Arruda Mello, o livro Capítulos de História da Paraíba é citado em verbete no Dicionário de Literatura Brasileira, editado pelo MEC. Assumiu a Cadeira da APL, em 27 de agosto de 1993, recepcionado pelo acadêmico Luiz Augusto da Franca Crispim.

### **3 JORNALISMO LITERÁRIO**

#### **3.1 Linguagem literária**

De acordo com Olinto (1968), o Jornalismo pode ser uma espécie de Literatura.

“O importante, de início, é a linguagem. Uma vez dominada esta, pode o jornalista criar, dar vida a uma obra, desde que tenha conservado a pureza de sua emoção, sua fidelidade ao homem como ser-consciente e ser-responsável” (p.19).

Autor do livro “Jornalismo e Literatura”, Olinto (1968) chama atenção para a importância da expressividade da linguagem ao observar que “o que está nas palavras independe do veículo que o divulga e pode ser obra dotada de permanência” (p. 21).

Para o autor:

Foi inventado um estilo jornalístico, um estilo que, na verdade, nada diz e nem tampouco chega a ser o que constitui a essência do jornalismo. Esse estilo, feito apenas para facilitar o trabalho, corresponde a algo que existe em qualquer arte da palavra (p.90).

Sobre a linguagem, Bulhões (2007) considera que para a realização literária:

Trata-se de dotar a linguagem verbal de uma dimensão em que ela não é meio, mas fim; tomá-la como matéria em si, portadora de potencialidades expressivas. Na literatura, a linguagem não é mera figurante, mas centro das atenções. Nesse sentido, se há algo para comunicar na literatura, esse algo só existe pelo poder conferido à conduta da própria linguagem. Não se trata exatamente de afirmar que não existe mundo fora da experiência da linguagem. Mas de supor que para a realização literária tal mundo só

importará se o verbal que o transmitir estiver, por assim dizer, transmutado, recriado, destituído de sua função cotidiana e costumeira (p. 12).

Depois ele diz: "pode-se dizer que a literatura nem chega a representar a realidade, mas recriá-la na operação de desviar a linguagem de sua função habitual" (p.14).

E segundo o ensaísta Lima, A.A. (1969), outro autor desse campo de estudo, o jornalismo "tem todos os elementos que lhe permitem a entrada no campo da literatura, sempre que seja uma expressão verbal com ênfase nos meios de expressão" (p. 23).

Quais são esses meios? Esse artigo pretende estudar alguns para efeito de análise.

O primeiro é a descrição literária.

De acordo com Garcia (2010):

Descrição é a apresentação verbal de um objeto, ser, coisa, paisagem (e até de um sentimento: posso descrever o que eu sinto), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos seus traços predominantes, dispostos de tal forma e em tal ordem, que do conjunto deles resulte uma impressão singularizante da coisa descrita, isto é, do quadro, que é a matéria da descrição (p. 246).

Nesse sentido, a descrição necessariamente expressa um ponto de vista do autor.

Esse ponto de vista pode ser físico:

O ponto de vista físico é a perspectiva que o observador tem do objeto, a qual pode determinar a ordem na enumeração dos pormenores significativos. Ao contrário da pintura, a descrição vai apresentando o objeto progressivamente, detalhe por detalhe, em ordem tal, que o leitor possa combinar suas impressões isoladas para formar uma imagem unificada (p. 247).

Ou pode ser um ponto de vista mental:

É o elemento subjetivo, aquele que determina a impressão pessoal, a interpretação do objeto. A predisposição psicológica do observador, sua simpatia ou antipatia, por exemplo, pode dar como resultado imagens muito diversas do mesmo objeto (p.248).

Além de descrição, um texto pode apresentar figuras de estilo ou figuras de sintaxe.

De acordo com Faraco; Moura (s.d.), ocorre uma figura de estilo “toda vez que uma palavra ou expressão for utilizada conotativamente com o objetivo de realçar uma ideia ou emoção” (p. 61).

A metáfora é um exemplo de figura de estilo, que consiste no “emprego de um termo que se associa a outro, ou que o substitui, baseando-se numa comparação de ordem pessoal e subjetiva” (p. 62).

Segundo Garcia (2010), a metáfora também projeta imagens ao texto:

A imagem é uma representação (reconstituição, reprodução) mental dos resíduos de sensações ou impressões predominantemente mas não exclusivamente visuais, que o espírito reelabora, associando-as a outras, similares ou contíguas, e pode assumir a forma de uma metáfora ou de um símile e, mesmo, de outros tropos (metonímia, alegoria, símbolo) (p. 110).

Isso não significa imprecisão.

De acordo com Humphrey (1976):

Um símbolo é [...] um artifício para concentrar a expressão de uma comparação; ao mesmo tempo que é, como toda metáfora, naturalmente, um artifício para expandir o significado. Tanto a imagem como o símbolo tendem a expressar alguma coisa da qualidade de intimidade na consciência: a imagem, sugerindo os valores emocionais particulares daquilo que é percebido (seja diretamente, pela memória ou pela imaginação); o símbolo, sugerindo a maneira truncada de percepção com o significado expandido. Pode-se ver que o método do simbolista, conforme usado na ficção do fluxo de consciência, acha-se intimamente aliado à tentativa do naturalista para apresentar seu material com exatidão (p.71).

Para Gay Talese (2004):

Embora muitas vezes seja lida como ficção, o novo jornalismo não é ficção. Ele é, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos possíveis de verificação, pelo uso de aspas e observância dos rígidos princípios organizacionais à moda antiga. O novo jornalismo permite, na verdade, exige uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores, ou assumir o papel de um observador neutro, como outros preferem, inclusive eu próprio (p. 9).

Já a figura de sintaxe é “quando empregamos essas construções que substituem o padrão gramatical por um padrão mais significativo e condicionado pelo contexto, estamos utilizando as chamadas figuras de construção” (Faraco; Moura, s.d., p. 130).

Um exemplo dessas figuras de sintaxe é o anacoluto. Ainda de acordo com Faraco; Moura (s.d.), o anacoluto “é a omissão de um termo que o contexto permite suprimir e que subtende facilmente” (p.131).

Outro exemplo de figura de sintaxe (ou de construção, como também é chamado) é o hipérbato ou inversão, que consiste na inversão da ordem natural das palavras na frase ou da inversão da ordem direta dos termos.

Falar de linguagem, no entanto, não se restringe apenas a falar de técnica. O trabalho literário, para ser realizado, depende da capacidade de o autor superar as pressões existentes em torno do ato de escrever.

Segundo Olinto (1968), no caso do jornalista, as pressões são de tempo (um jornal impresso, por regra, tem periodicidade diária. O texto precisa ficar pronto no dia seguinte), espaço (a página de um jornal tem dimensões limitadas) e circunstância (que corresponde a condições adversas no ambiente de trabalho).

Já no caso do escritor, as pressões estão mais ligadas à carga interna de emoção que o pressiona a terminar de escrever a obra começada e a uma outra pressão, que está vinculada aos objetos externos, isto é, à falta de controle sobre os acontecimentos que impulsionam a criação da obra.

### 3.2 Enredo

Quando o jornalista ou o escritor consegue superar as pressões de tempo, espaço, circunstância, emoção interna e dos próprios acontecimentos que impulsionam a obra, a linguagem ganha forma dentro de um enredo, elemento fundamental para a criação literária.

Robert Humphrey (1976) diz:

A arte, a arte da ficção, requer um padrão, disciplina e clareza. O leitor de ficção exige essas coisas e precisa tê-las para que sua própria consciência indisciplinada possa focalizar a atenção e para poder compreender e interpretar. Assim sendo, de uma maneira ou de outra, é preciso que o escritor dê um padrão ou uma forma ao seu material. Das maneiras convencionais de chegar a este resultado na ficção, a principal delas consiste em utilizar uma unidade de ação e personagem; isto é, dando-lhe um enredo (p. 77).

Na literatura, é assim que se chama o corpo do texto. É neste local que se encaixa a linguagem. No enredo se apresentam todos os elementos que compõem a história, como personagem, ação, ambiente, tempo e narrador.

Para Mesquita (1987):

A palavra enredo pode assumir algumas variações de sentido, mas não perde nunca o sentido essencial de arranjo de uma história: a apresentação/representação de situações, de personagens nelas envolvidos e as sucessivas transformações que vão ocorrendo entre elas, criando-se novas situações até se chegar ao final - o desfecho do enredo. Podemos dizer que, essencialmente, o enredo contém uma história. É o corpo de uma narrativa (p. 7).

O enredo é estruturado em apresentação, complicação, clímax e desfecho.

De acordo com Garcia (2010):

O enredo (intriga, trama, história ou estória, urdidura, fábula) é aquela categoria da narrativa constituída pelo conjunto dos fatos que se encadeiam, dos incidentes ou episódios em que as personagens se envolvem, num determinado tempo e num determinado ambiente, motivadas por conflitos de interesse ou de paixões [...] Enredo é em suma o que acontece, é a narrativa mesmo (p.257).

Esse enredo pode ser do tipo: linear ou não-linear.

Segundo Barbosa (1991):

“Às vezes, a sequência é clara, direta, com começo-meio-fim, com continuidade lógica e cronológica, com o desenrolar passo-a-passo dos acontecimentos: é o que chamamos de enredo linear” (p.64).

No entanto, no enredo não-linear, “outras vezes misturamos acontecimentos presentes e passados - e até futuros, quebrando a sequência lógica e cronológica, ou seja, a continuidade "natural" dos acontecimentos e a sucessão 'normal' do tempo" (p. 64).

Nesse sentido, o enredo pode ser enxergado como alternativa às tradicionais fórmulas de construção textual do jornalismo, que se baseiam fundamentalmente na alocação de informações na Pirâmide Invertida, cujo primeiro parágrafo é denominado de Lead.

Em relação às limitações do Lead, Pena (2022) comenta que:

A fórmula realmente tornou a imprensa mais ágil e menos prolixa, embora a subjetividade não tenha diminuído. A opinião ostensiva foi apenas substituída por aspas previamente definidas e dissimuladas no interior da fórmula. Para a socióloga Gaye Tuchman, por exemplo, a objetividade nada mais é do que um ritual de auto-proteção dos jornalistas. E a pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa (p. 15).

Já em relação à Pirâmide Invertida e à objetividade jornalística, Genro Filho (1987) comenta: “Essa nova estrutura da notícia não foi planejada para chamar o leitor à reflexão, mas apenas ‘para informá-lo superficialmente, para adormecê-lo, fazê-lo indiferente e evitar que pense” (p. 88).

A pirâmide invertida é uma técnica de construção textual na qual o jornalista organiza informações por ordem decrescente de importância, isto é, em primeiro lugar se apresenta a informação considerada mais importante e, na sequência, a menos importante.

A ideia é que essa fórmula contemple o leitor mais apressado. O texto precisa ser estruturado de tal forma que a leitura do primeiro parágrafo já satisfaça a necessidade de informação do leitor. Foi pensada como uma pílula de conteúdo com efeito rápido.

A sua estrutura também permite cortes sem prejuízo de leitura.

O corte é comumente utilizado quando um jornal não tem espaço suficiente para publicar a matéria na íntegra, seja por causa de algum anúncio publicitário ou por necessidade de ordem gráfica, como a diagramação de uma outra matéria em local próximo.

Por limitações assim, Pena (2022) analisa que, no jornalismo literário, “é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação” (p. 15).

Como afirma Vilas Boas (2003), na obra “Perfis e como escrevê-los”, o jornalismo literário “foge das fórmulas rígidas de estruturação. Suas referências narrativas (procedimento e técnica) vêm da literatura” (p. 10).

### **3.3 Subjetividade**

O estilo clássico do jornalismo pressupõe objetividade como uma característica do texto. Ou seja, o fato determina a notícia e a linguagem precisa ficar restrita aos seus ditames.

Dados sociais, estatísticas, gráficos, tabelas compõem a estética da realidade objetiva.

Diz Luiz Beltrão (1969) que:

MARTIN ALONSO, em sua 'Ciencia del lenguaje y arte del estilo', inclui o jornalismo entre as categorias estéticas objetivas da literatura, que não pode ser mais desconhecida pelos didatas e críticos. Na verdade, assinala, 'o jornal suplantou o livro e tem chegado em certas ocasiões a utilizá-lo. O único órgão de cultura, que existe para muitos é a fôlha diária'. Por isso é que professores, técnicos, artistas, filósofos e literatos - todos os que têm algo a ensinar ou dizer - procuram hoje o jornal como veículo preferencial das suas ideias e obras. Estas circunstâncias conferiram ao jornalista uma maior soma de responsabilidade, levando-o a escrever bem para ser entendido: o jornal é o livro de texto, o compêndio dos conhecimentos humanos do momento. Há que ser redigido dentro do seu próprio estilo (p. 37).

Crítérios de noticiabilidade para seleção de notícias também conferem objetividade ao texto jornalístico, pois são os óculos com os quais os jornalistas veem o mundo.

De acordo com Traquina (2008):

“Os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável” (p. 63).

Os critérios mais comuns para que algo vire notícia são: atualidade, morte, amplitude, notoriedade, conflito, referência a países de elite, proximidade geográfica, imprevisibilidade, entre outros, como personalização.

Fabiana Moraes (2019) critica que:

“Tudo o que não corresponde a esses requisitos, é ‘excluído’” (p. 211). Para ela, a defesa da objetividade jornalística oculta, na verdade, interesses específicos no processo comunicacional, de natureza política.

Na reflexão de Vilas Boas (2003):

Não me perguntem por que (pelo menos não agora) essa teimosia em negar que as ideias refletem os sentimentos, conceitos e as sensações de quem as formula, do mesmo modo que as equações de um cientista exprimem seus insights e suas interpretações, ou do mesmo modo que o artista extrai sínteses de sua interação com o mundo - o que está ao seu redor e outros, compreendidos por sua memória e imaginados (p. 13).

Já na década 50, porém, autores, como Olinto, começaram a refletir sobre a escrita jornalística como um “ato de criação” (p. 91).

De acordo com o autor, o trabalho do repórter consiste em contar o que viu e o que ouviu, mas também em expressar o que sentiu no contato que teve com a realidade.

O repórter de rua, o jornalista que sai ao encontro do acontecimento, vê os lugares, que às vezes lhe são familiares, sob um aspecto dramático. A rua, que ele conhece tão bem, pode estar alvoroçada por uma tragédia ou pode estar rindo, inteira, diante de um fato curioso. Nesse contato direto com as pessoas envolvidas em acontecimentos, nesse penetrar nos dramas de uma cidade, nesse ouvir pessoas dos mais diferentes tipos falarem de seus desejos, de suas culpas, de seus sonhos desfeitos ou reerguidos, o repórter de rua atinge um plano de vida que o homem comum desconhece (p. 41).

Lima A.A. (1969), em sua obra ensaística, observa que:

“A densidade dramática do jornalismo está precisamente em captar esse S.O.S que as coisas, os seres, os acontecimentos, lançam a cada momento” (p. 51).

Nos EUA, tal prática aconteceu no "new journalism".

O "new journalism" é uma tendência literária da produção jornalística, com origem norte-americana e sedimentada nos anos 60. Sua tradução literal significa "novo jornalismo".

De acordo com Lima E.P. (2009):

"À objetividade linear, lógica, somava-se a subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real" (p. 195).

Um dos principais expoentes desta vertente jornalística que mescla a literatura com a objetividade, Tom Wolfe (2005) declara que, nas suas matérias, "a ideia era dar a descrição objetiva completa, mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e contos: especificamente, a vida subjetiva ou emocional de personagens" (p. 37).

Felipe Pena diz que:

A ideia básica do Novo Jornalismo americano, ainda nas palavras de Wolfe, é evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal "imprensa objetiva". Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias (p.54).

Parte da expressão dramática do jornalismo literário, portanto, está no fato de que a objetividade não precisa prescindir da subjetividade. Um e outro se complementam para que seja feita a construção da notícia.

Sobre isso, Alceu Amoroso Lima diz que:

“A objetividade é outro traço natural do jornalismo, como gênero literário. O importante é manter o contato com o fato. Tudo mais deriva daí: a informação do fato; a formação pelo fato; a atualidade do fato; o estilo determinado pelo fato” (p. 53).

Nesse sentido, a leitura de Olinto (1968) complementa que:

O importante, para o artista é colocar, na aparente gratuidade dessas notícias, um sentido capaz de permanência, uma mensagem que consiga atingir o ponto em que todos os homens se unem, a essência humana das pessoas, onde o tempo não tem presença (p. 20).

Para Lima E.P. (2014,) embora a objetividade seja uma característica do estilo jornalístico, “não podemos ficar restritos ao conteúdo factual, concreto, objetivo” (p.20). “Nada é o que é por si só”, diz o autor.

Em sua argumentação, ele defende que: “Nada é o que é por si só. Tudo tem duas faces, simultaneamente. Uma face objetiva e outra subjetiva. Tudo está relacionado com outras coisas” (p. 20).

Na “Pedagogia do oprimido”, Paulo Freire (1981) explica que:

“O aspecto subjetivo toma corpo numa unidade dialética com a dimensão objetiva da própria ideia, isto é, com os conteúdos concretos da realidade sobre a qual exerce o ato cognoscente” (p. 22).

#### **4 VIOLÊNCIA NO CAMPO**

2 de abril de 1962: por volta das 18 horas, morreu João Pedro Teixeira, assassinado com cinco tiros de fuzil, vítima de uma emboscada na BR, em Café do Vento, quando estava a caminho de casa, sítio Antas do Sono, área rural de Sapé.

O jornal “A União” foi o primeiro a chegar ao local do crime.

No livro “João Pedro Teixeira: a saga de um mártir”, Lemos; Porfírio (2013) relatam:

A informação do assassinato do líder camponês chegou às redações do jornais naquela noite, fazendo com que os profissionais da imprensa refizessem seus noticiários e as manchetes dos jornais que iriam às bancas e às mãos dos jornalheiros na manhã seguinte. O jornal “A União” saiu com várias edições extras que eram esgotadas rapidamente. Hélio Zenaide,

diretor daquele órgão, foi o primeiro jornalista que chegou a Sapé para fazer a cobertura do crime (p. 39).

De acordo com Ramos (1989), Zenaide soube da morte por volta das 18h30 e “seguiu para Sapé acompanhado de Gonzaga Rodrigues, secretário do jornal, e do fotógrafo Zuzu. Eu viajei logo após, como enviado do Correio da Paraíba, na condição de free-lancer” (p 55-56).

Sapé foi a cidade onde João Pedro lutou contra a exploração dos trabalhadores do campo. Ele era fundador e vice-presidente da “Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas”. A Associação era chamada de Liga Camponesa e foi criada, na cidade de Sapé, em fevereiro de 1958.

A sessão de fundação ocorreu no Grupo Escolar Gentil Lins. Naquela cerimônia estavam presentes: o professor Joaquim Ferreira Filho, representante do Governador do Estado; deputado Ramiro Fernandes, do PSD; advogados João Santa Cruz e José Gomes da Silva; líderes do PSD local, Joca Vitorino e Luís Gonzaga; agrônomo Assis Lemos; dentista Leonardo Leal; o pároco da cidade, Eurivaldo Caldas Tavares; líderes estudantis e sindicais; jornalistas e camponeses, como João Pedro Teixeira, Nego Fuba, Pedro Fazendeiro, Ivan Figueiredo, Alfredo Nascimento, João Severino Gomes e outros (Lemos; Porfírio p. 21).

Filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), João Pedro se tornou, em 25 de novembro de 1961, vice-presidente da Federação das Ligas Camponesas da Paraíba.

As Ligas Camponesas eram um movimento contra a injustiça social e tinham como principal porta-voz o advogado Francisco Julião, do Partido Socialista Brasileiro (PSB).

De acordo com Julião (1962), o movimento das Ligas Camponesas lutava pela reforma agrária e para acabar com o regime do cambão e todo um sistema de exploração do trabalhador rural.

O cambão é o dia de graça e a sêca que tu dás ao dono de terra, além de pagares o fôro ou a renda. Tem muitos séculos de vida. Nasceu com a servidão. E continua montando no teu lombo. Mudando o nome. E até sem nome. Aparecendo em contrato. E no livro do tabelião. É acabar com o regime da meia e da têrça. Que é a meia? Que é a têrça? Os nomes estão dizendo. É dar ao dono da terra a metade ou a têrça-parte da lavoura que tu plantas, trata e colhes, em pagamento da renda. Não há furto maior do trabalho alheio. É acabar com o vale-de-barracão. Que é o vale-de-barracão? É um papelzinho que corre como moeda nas grandes fazendas, usinas e engenhos. Não para te beneficiar, mas para te escravizar ainda mas ao latifúndio. Forçando-te a comprares mais caro o bagaço que a cidade não quer. É acabar com o dia de 10 a 12 horas de trabalho. Com a

vara de mais de dois metros e vinte centímetros e o pulo que ainda se dá furtando na medição da conta. É lutar contra o aumento do fôro, que, de um ano para o outro, passa de 2 para 4 e de 5 para 10. É acabar com tôda e qualquer forma de sujeição, de servidão, de escravidão. Por isso é que a Liga existe (p.72-73).

No Nordeste brasileiro, a primeira Liga a ser fundada foi a do engenho Galiléia, no município de Vitória de Santo Antão. Foi criada em 1 de janeiro de 1955, como "Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco".

A imprensa a nomeou de Liga Camponesa.

De acordo com o sociólogo Josué de Castro (1967):

Em 1955, João Firmino, morador do Engenho Galiléia, fundava a primeira das Ligas Camponesas no Nordeste brasileiro [...] O objetivo inicial das Ligas fôra o de defender os interesses e os direitos dos mortos, não os dos vivos. Os interesses dos mortos de fome e de misérias; os direitos dos camponeses mortos na extrema miséria da bagaceira. E para lhes dar o direito de dispor de sete palmos de terra onde descansar os seus ossos e o de fazer descer o seu corpo à sepultura dentro de um caixão de madeira de propriedade do morto [...] (p.23).

Em relato semelhante, Julião (1962) explica que na origem o objetivo da Liga era de "formar um fundo para adquirir caixõezinhos de madeira destinados às crianças que, naquela região, morrem em proporção assustadora" (p. 24).

De acordo com o jornalista Joseph A. Page (1972), no engenho Galiléia:

"Em dias passados, os camponeses tinham trabalhado para Beltrão, plantando cana e produzindo açúcar. No momento trabalhavam para si mesmos, mas as condições não haviam melhorado muito". (p.52)

Foi quando os moradores decidiram criar a associação.

"Preocupados com formalidades legais, foram a um juiz local, dr. Rodolfo Aureliano, que redigiu os documentos exigidos por lei para qualquer associação beneficente. Também visitaram o dono da terra, em Vitória" (p. 53).

Oscar Beltrão, cuja família havia possuído o Galiléia desde 1887, inicialmente nada viu de errado com a sociedade [...] Não demorou muito a acabar a lua-de-mel. O filho e herdeiro de Beltrão que residia no Recife desde algum tempo havia planejado transformar o engenho em uma fazenda para criação de gado. Uma vez que tal medida exigia a expulsão dos moradores, ele ficou alarmado com a organização [...] (p. 53-54).

Após esse episódio, Beltrão tentou expulsar os moradores. Eles não saíram, mas depois foram expulsos pela polícia. Depois disso, foram ao Recife para procurar um advogado para defendê-los.

"Eles procuraram alguns advogados, mas todos exigiam pagamentos altos. Pediram ajuda à Assembléia Legislativa. Alguém os instruiu a procurar um deputado estadual, chamado Francisco Julião" (p.54).

Em relação ao assassinato de João Pedro, Ramos (1989) declara que:

A imprensa paraibana exerceu um papel preponderante na elucidação do crime de que foi vítima João Pedro Teixeira. Assumindo uma posição crítica diante do episódio, os jornais divulgavam os fatos em sua versão original, isto é, conforme eram colhidos pelos repórteres nas fontes legítimas e publicados sem a interferência de grupos ou facções político-partidárias, interessadas em obstacular as investigações sobre o trucidamento do líder camponês e impedir a identificação dos seus autores. A imprensa sustentou, enquanto pôde, a bandeira que João Pedro empunhava quando tombou na tarde fatídica de 2 de abril de 1962 (p. 56).

Em outro trecho, ele comenta:

Os jornalistas, conscientes da sua missão e responsabilidade perante a história, despiram-se de discutíveis padrões de imparcialidade e isenção, e passaram a elaborar suas matérias com maior clareza e objetividade. Inaugurava-se um estilo de jornalismo participativo, que logo acendeu a ira daqueles que estavam envolvidos nos acontecimentos e que tinham seus interesses contrariados. Não tardariam, portanto, as pressões junto ao governo e às direções das empresas jornalísticas para fazer reenquadrar esse reduzido número de profissionais nos antigos chavões do periodismo provinciano (p. 56).

O enterro de João Pedro foi em 3 de abril de 1962.

Ele tinha 44 anos quando foi assassinado.

## **5 UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA DA REPORTAGEM**

Apesar da pressão de uma cobertura externa e do curto tempo para publicá-la no dia seguinte, a reportagem "Cinco mil camponeses foram ao enterro de João Pedro mostrar que a luta continua" apresenta, em sua composição, elementos de jornalismo literário.

A partir de um entrelaçamento entre descrição e narração, emprego de figuras de estilo e de sintaxe, enredo e subjetividade, os jornalistas relatam com profundidade a homenagem pública e o protesto que se promoveu em memória a João Pedro Teixeira.

Escrita por Gonzaga Rodrigues e Severino Ramos, essa matéria descreveu com foi o enterro em Sapé, entrevistou Elizabeth Teixeira, contextualizou as

circunstâncias do assassinato de João Pedro e noticiou o andamento do inquérito investigativo.

Dividida em quatro partes, a matéria foi publicada em 4 de abril de 1962 em A União.

Essa análise, no entanto, parte do texto adaptado para o livro “Crimes que Abalaram a Paraíba vol. 1”, lançado em 1989, de autoria do jornalista Severino Ramos, que fez a cobertura original e neste livro aprofunda a história de João Pedro.

Na manchete, um conjunto de valores-notícia se conecta e se desconstrói. Sem recorrer a aspas, o título apresenta estatística de amplitude (“cinco mil”), grupo social com característica de personalização (“camponeses”), mobilização de um grupo social em torno de um elemento dramático (“foram ao enterro”), notoriedade (“de João Pedro”) e expressão de protesto como forma de conflito simbólico (“mostrar que a luta continua”).

A escrita reflete um grupo social marginalizado pelo poder econômico nos anos 60 como agente político transformador da realidade. João Pedro, de igual modo, não pertence à elite e mesmo assim surge com notoriedade na matéria, que explicaremos logo a seguir. Além disso, a luta é compreendida e relatada de modo que não se criminaliza o movimento social em torno da questão de conflitos agrários.

Quanto à personalização dos camponeses, fica demonstrada nas suas ações. Eles são apresentados em coletividade, porém contêm traços de personalidade própria, por exemplo: caminham até Sapé, enchem as ruas da cidade, conversam procurando respostas sobre o assassinato, carregam o caixão para a sede das Ligas Camponesas e fazem isso até chegar ao cemitério. Trata-se, como vai se ver, de uma descrição literária minuciosa.

Logo depois, no primeiro parágrafo, o lead, em linha com a primeira característica da estrela de sete pontas, subverte a fórmula tradicional de responder às perguntas: Quem? Fez o quê? Quando? Onde? Como? Por quê?. A partir do recurso do hipérbato, isto é, da inversão da ordem dos termos, a frase introduz não uma observação objetiva, mas outra, de natureza subjetiva dos autores, sobre o estado de espírito dos camponeses naquele dia.

“Sem uma nota de desânimo” é a expressão empregada no lead.

Ela aparece no seguinte contexto: “Sem uma nota de desânimo, esperando o dia inteiro para acompanhar o corpo de João Pedro até o cemitério, cinco mil camponeses concentraram-se ontem em Sapé para o sepultamento do seu líder”.

É o indicativo de que ao longo dessa primeira parte da reportagem vai predominar o ponto de vista do camponês. A matéria não recorre a uma citação direta, mas o narrador, em posição de observador, passa a acompanhar o transcurso do cortejo a partir da perspectiva desses trabalhadores rurais. O leitor, diferente de como ocorre na pirâmide invertida, vai sendo apresentado progressivamente aos acontecimentos, em ordem cronológica.

Os jornalistas recorrem à técnica do enredo para a construção textual.

Esse primeiro parágrafo evidencia ainda a construção de Pedro Teixeira. A descrição de Teixeira como líder de camponeses confere poder simbólico a ele, já que é apresentado, nesse contexto, com notoriedade de representante máximo de uma categoria e mártir da luta.

No segundo parágrafo predomina o recurso da descrição literária. A ação dos personagens ganha projeção visual com a sequência de metáforas “espalhou-se pelos campos”, “depois que a notícia correu mundo”, “pararam as enxadas”, “enchendo as estradas em busca de Sapé” e de enumerações “de Miriri, Maraú, Barra, Sobrado, Antas, Mamanguape, Guarabira, Santa Rita” e “homens, mulheres e crianças”.

Assassinado na tarde de segunda-feira, só ontem pela manhã espalhou-se pelos campos a notícia de que João Pedro tinha morrido. Depois que a notícia correu mundo, pararam as enxadas de Miriri, Maraú, Barra, Sobrado, Antas, Mamanguape, Guarabira, Santa Rita, homens, mulheres e crianças enchendo as estradas em busca de Sapé. (A UNIÃO, 1962)

A imagem produzida por essa sequência de metáforas transmite, a partir de símbolos, aquele elemento quantitativo da manchete, com a estatística de cinco mil camponeses. Não é só um número. “Os campos” situa um imaginário geográfico, “as enxadas” representa a identidade de trabalhador rural, “correu mundo” estima o alcance do acontecimento e “enchendo as estradas” dimensiona o crescimento da mobilização.

A área rural nordestina e, particularmente, a paraibana é bastante diversa. “Os campos”, no entanto, encontra um ponto em comum nesses diversos territórios e situa o leitor em um imaginário geográfico. Que imaginário é esse? “Os campos” é a identidade territorial que deriva de “os camponeses”, que igualmente diversos são particularizados em uma expressão de simbologia política com carga ideológica.

Essa é a subjetividade utilizada como um traço de linguagem, criando o mundo, num prisma ideológico, sendo uma reportagem engajada, mas também adicionando cargas de emoção ao texto, pelo retrato fiel do comportamento dos camponeses.

O recurso da descrição literária continua a ser empregada no terceiro parágrafo. Dessa vez o ponto de vista é mais objetivo, com apresentação detalhe por detalhe, como preconiza o novo jornalismo, da organização dos camponeses no momento que antecedeu o início do cortejo. Aqui, Sapé começa a ser introduzida no enredo a partir da expressão “na cidade” e “aglomerações defronte do hospital”, como um ponto de localização mais singularizante.

Na cidade, de 9 da manhã até a hora do enterro, milhares de camponeses dividiram-se em aglomerações defronte do hospital, fazendo cada um, um pequeno comício. Em todas elas o assunto era João Pedro e a curiosidade girava em torno das versões, sempre várias, quase todas convergindo para um nome: o do mandante. (A UNIÃO, 1962)

Esse parágrafo reforça o elemento “protesto”, ideia introduzida na manchete, que se entende a partir de um conhecimento contextual. “Comício” hoje significa festa político-partidária de estratégia eleitoral. Em 1962, por outro lado, “comício” era um tipo de discurso de protesto que os militantes da Liga Camponesa faziam nas feiras livres para conscientizar o povo sobre a opressão do regime latifundiário, através do que chamavam de “comício-relâmpago”.

No quarto, quinto e sexto parágrafos, a reportagem reforça a descrição ao acompanhar passo a passo o cortejo, retratando o percurso que foi caminhado, partindo do Hospital até a chegada ao cemitério, mostrando o ambiente, a partir de descrições que dão a dimensão das ruas cheias, do crescimento do cortejo ao longo do caminho e até mesmo de uma visão ampliada para detalhes do entorno.

Cerca das 16 horas o corpo de João Pedro saía do Hospital Sá Andrade para as mãos dos camponeses, que o aguardavam ao lado de fora, a rua cheia. À passagem do féretro, ninguém ficou em casa, a multidão tomando a avenida central de uma calçada a outra, parando o cortejo em frente à sede da Liga, para a última homenagem dos seus associados. Aí falou o desembargador João Santa Cruz, diante do corpo de João Pedro. Saindo para o cemitério, o acompanhamento cresceu duas vezes mais. Os que não seguiam o cortejo povoavam as janelas, algumas exibindo luto. (A UNIÃO, 1962)

No sexto parágrafo, em particular, a expressão “os que não seguiam o cortejo povoavam as janelas, algumas exibindo luto” ainda apresenta uma figura de sintaxe, o anacoluto, que, sem perder a clareza, omite a palavra “camponeses”, subentendido, mas tendo sua ausência conferido elemento de oralidade e imprimindo ritmo ao texto devido ao encurtamento da frase, como parte do estilo da redação.

Com esse conjunto de elementos, paira sobre a reportagem um sentido dramático, pelo registro de camponeses aglomerados em Sapé com a força política de um levante para render a última homenagem ao seu líder, o também camponês, João Pedro Teixeira, que foi trabalhador de pedreiras, como britador. O passo a passo do percurso cria uma atmosfera, que vai se revelando aos poucos para o leitor até a chegada do discurso de Raymundo Asfora.

Além de expressividade de natureza subjetiva, emocional, que diz respeito à homenagem para Pedro Teixeira, a linguagem literária também aprofundou o relato jornalístico, ao documentar as diversas nuances da história. Os jornalistas nos deixaram, através dessa reportagem, a memória de como foi aquele dia, turbulento, marcado por uma série de protestos, coletivos e individuais, para descobrir quem foi o mandante do crime.

O sétimo parágrafo serve à continuidade do enredo e se caracteriza pela mudança de personagens e de ambiente. A construção do texto já não se baseia mais na perspectiva dos camponeses. Agora são os políticos, as lideranças estudantis e os representantes da classe trabalhadora que entram em cena. Além disso, o cenário não é mais a rua. Agora é no cemitério onde vai acontecer a cerimônia fúnebre. Neste trecho a descrição é objetiva e informativa:

À beira do túmulo falaram Luís Bernardo, pelos trabalhadores da Paraíba; Hendrich Costa, pela UEEP (União Estadual dos Estudantes da Paraíba); os deputados Raymundo Asfora e Osmar Aquino, e o presidente da Federação das Ligas, Assis Lemos. Para todos, João Pedro foi o líder, deixando com a sua morte, o legado de sacrifício e de luta pela sobrevivência. (A UNIÃO, 1962)

Com foco na ação dos personagens, o enredo da história se mantém linear em todo o momento, refletindo a passagem do tempo ao longo do dia e do espaço geográfico por onde ocorreu o cortejo, percebido pelas expressões “na tarde de segunda-feira”, “só ontem pela manhã”, “Na cidade, de 9 da manhã até a hora do

enterro”, “Cerca das 16 horas”, “À passagem do féretro”, “Saindo para o cemitério” e “À beira do túmulo”.

Os parágrafos seguintes, no entanto, quebram essa linearidade.

No discurso de Asfora, a primeira parte da reportagem chega ao seu ponto culminante. Em linguagem poética, Raymundo Asfora verbaliza o protesto contra a morte de João Pedro Teixeira. A mensagem de continuidade da luta se expressa na metáfora “Não vamos enterrar um homem, vamos plantá-lo” que se completa com o enunciado “surgirão novos camponeses revoltados, outros João Pedro, numerosos outros lutadores”.

Não vamos enterrar um homem, vamos plantá-lo. Vêde: os olhos de João Pedro ainda estão abertos. Eles viram muito, eles viram quase tudo. Agora, imobilizados para sempre, virados pela morte, eles continuarão ainda mais abertos, e nem a terra, que sempre viveu dentro deles, os fechará. Pararam o teu coração. Sobre ele, trazias algumas cartilhas. O tiro de fuzil, ignóbil e covarde, num percurso diabólico, não apenas rebentou o teu peito, mas despedaçou os sonhos de educação dos teus filhos. Os latifundiários julgaram que, com a tua morte, deixarias, apenas, uma viúva e onze filhos órfãos, mal supondo que, com ela, surgirão novos camponeses revoltados, outros João Pedro, numerosos outros lutadores. Julgam que desapareceste e estás, agora, em toda parte. Eras a silhueta de um homem no asfalto e passas a ser uma sombra que se alonga pelos canaviais, que bate nas portas dos engenhos, que frequenta, em forma de remorso, as reuniões dos poderosos, que, hirtamente imóvel, se posta à frente da memória daquele que te matou e da consciência que te mandaram matar. Viraste zumbi, João Pedro, viraste assombração para os que odeiam os camponeses. Serás, para nós outros, todavia, o eterno irmão. (A UNIÃO, 1962)

O discurso também rememora com saudosismo a figura paternal. Quando João Pedro foi morto, ele trazia consigo cadernos que comprou em João Pessoa para entregar aos filhos. A tragédia sai do plano da política, o elemento em torno do que tudo acontece, para alcançar o território familiar. Raymundo Asfora lembra que João Pedro é pai e esposo, que os seus filhos ficaram órfãos e que a sua esposa ficou viúva.

Na reportagem como um todo, sob o ponto de vista político, as palavras “camponeses”, “luta”, “a luta continua”, “sem uma nota de desânimo”, “líder”, “líder camponês”, “zumbi”, “latifundiário” e a dicotomia entre “líder camponês” e “latifundiário” evidenciam a construção de uma memória de opressão em torno da morte de João Pedro, cujo contexto vai abordar que o assassinato foi provocado a mando de latifundiários locais.

É, nesse sentido, uma reportagem que vai de encontro ao poder econômico da região.

Latifundiários são os grandes proprietários rurais, senhores de engenho, que mantêm trabalhadores da cana-de-açúcar em regime análogo à escravidão. No Nordeste, além de terem o poder econômico, com a sua produção agrícola, os senhores de engenho também têm influência e, não raras vezes, até mesmo o poder formal sobre o estado, no âmbito executivo, legislativo e judiciário, em uma conjuntura que lhes confere o título de coronéis.

A primeira parte termina com essa passagem informativa:

“As cerimônias fúnebres de João Pedro tiveram a presença do governador Pedro Gondim, representado pelo Chefe da Casa Civil, Sr. Waldir dos Santos Lima, que se fazia acompanhar do tenente Newton Leite, chefe da Casa Militar”.

A segunda parte da reportagem centra-se em Elizabeth Teixeira.

O subtítulo denominado de “Dona Elizabeth” busca compreender a psicologia de uma esposa que acabou de perder o marido, ao retratar Elizabeth Teixeira emocionada, mas contendo a emoção, como um sinal de força. A descrição tem característica dramática e é feita com a voz autoral do repórter que pode ser percebida pela flexão do verbo “fomos” na primeira pessoa do plural.

Dona Elizabeth é a viúva de João Pedro. Seu nome completo é Elizabeth Altina Teixeira. Com a morte do esposo, ficou com onze filhos. Fomos encontrá-la no hospital, os olhos vermelhos mas as faces contraídas para reprimir o choro. Recebeu a notícia com o marido recebeu a morte: estoicamente. E foi assim que recebeu o repórter, falando dos filhos, no marido e nas razões do seu assassinato. (A UNIÃO, 1962)

Apresentado o perfil literário de Elizabeth Teixeira, a reportagem focaliza, em estilo informativo, a denúncia de Elizabeth de que o esposo foi vítima dos donos da terra, latifundiários. O parágrafo reforça a dicotomia entre “líder camponês” e “latifundiário”, destaca que a morte foi encomendada e fornece mais impressões de que uma questão de terra motivou o crime

Para Dona Elizabeth, seu marido foi assassinado a mando de latifundiários, por mãos criminosas de sicário assalariado. Na sua versão, os implicados são os donos das terras onde morou João Pedro e o sargento Severino Paulino, subcomissário de Sobrado, que teria perpetrado a emboscada. Isto ela contou pessoalmente ao chefe da Casa Civil do Governo, Sr. Waldir dos Santos Lima, dizendo: ‘Agora, eles estão de festa’. (A UNIÃO, 1962)

Depois dessas declarações, os jornalistas descrevem a seguinte cena:

“Com a denúncia, o representante do governador telefonou às pressas para João Pessoa, comunicando-se diretamente com o Sr. Pedro Gondim. As ordens foram drásticas: recolher imediatamente todo o policiamento de Sobrado”.

Podemos observar nesse subtítulo uso predominantemente de linguagem descritiva, de enredo linear e de marcas de subjetividade na linguagem, que se expressa em adjetivações, como “estoicamente”, “faces contraídas” e “as ordens foram drásticas”.

Aconteceu em síntese o que também aconteceu na primeira parte da matéria.

Nessa parte do texto, Elizabeth é projetada reclamando soluções para o caso.

Um clamor de justiça que parece rondar a matéria no geral.

Os próximos dois subtítulos, por sua vez, têm, essencialmente, natureza informativa.

## **6 CONCLUSÃO**

Técnicas úteis ao jornalismo informativo não necessariamente se adaptam ao texto do jornalismo literário, que tem outros modos de fazer. Fazer jornalismo literário é ir à literatura, como arte da escrita. Sendo assim, esse artigo se propôs a apreender e compartilhar algumas técnicas da literatura para o aprimoramento da redação jornalística. Para isso, buscamos analisar a reportagem “Cinco mil camponeses foram ao enterro de João Pedro mostrar que a luta continua”. Pelo método da análise de conteúdo, do tipo qualitativa, encontramos, na reportagem em questão, a presença de linguagem literária, de enredo e de subjetividade no texto jornalístico, em confluência com o padrão da técnica informativa tradicional. Deste modo, concluímos que as técnicas literárias de produção textual, além de cumprir a função de bem informar, que é exigido como uma espécie de caráter utilitário do jornalismo, proporcionam também o poder de os autores contarem os dramas de uma história real, como um tipo de capacidade de aprofundamento da temática abordada na matéria do jornal, levando o assunto ao plano da emoção, por meio de descrições literárias, metáforas, figuras de sintaxe, enredo linear e não-linear, além de subjetividade como traço de linguagem.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Severino A. M. **Redação: escrever é desvendar o mundo**. 7. ed. São Paulo: Papyrus, 1991.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: LEIA, Livraria Editora Importadora Americana Ltda., 1969.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Literatura e jornalismo em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CASTRO, Josué de. **Sete palmos de terra e um caixão: ensaio sôbre o Nordeste, área explosiva**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

CORREIA NETO, Alarico; PONTES, Juca (org). **A União 120 anos: uma viagem no tempo**. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Língua e literatura**. [S.I]: Ática, s.d. v.1.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Língua e literatura**. [S.I]: Ática, s.d. v.3.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: por uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **A forma que (in)forma: o projeto gráfico do jornal impresso na contemporaneidade**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2011.

HUMPHREY, Robert. **O fluxo da consciência: um estudo sobre James Joyce, Virgínia Woolf, Dorothy Richardson, William Faulkner e outros.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

JULIÃO, Francisco. **Que são as Ligas Camponesas?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962. v.1.

LE MOS, A.; PORFÍRIO, W. **João Pedro Teixeira: a saga de um mártir.** Campina Grande: EDUEPB, 2013.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário.** Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 4. ed. São Paulo: Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

MESQUITA, Samira Nahid de. **O enredo.** São Paulo: Ática, 1987.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura.** Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

PAGE, Joseph A. **A revolução que nunca houve: o Nordeste do Brasil 1955-1964.** Rio de Janeiro: Record, 1972.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

PROENÇA FILHO, Domício. **Linguagem literária.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

RAMOS, Severino. **Crimes que abalaram a Paraíba.** João Pessoa: Grafiset, 1989. v.1.

RAMOS, Severino. **Crimes que abalaram a Paraíba.** João Pessoa: Idéia, 1995. v.2.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras: 2005.

## **ANEXO A – CINCO MIL CAMPONESES FORAM AO ENTERRO DE JOÃO PEDRO MOSTRAR QUE A LUTA CONTINUA**

Em anexo, a reportagem completa:

Sem uma nota de desânimo, esperando o dia inteiro para acompanhar o corpo de João Pedro até o cemitério, cinco mil camponeses concentraram-se ontem em Sapé para o sepultamento do seu líder.

Assassinado na tarde de segunda-feira, só ontem pela manhã espalhou-se pelos campos a notícia de que João Pedro tinha morrido. Depois que a notícia correu mundo, pararam as enxadas de Miriri, Maraú, Barra, Sobrado, Antas, Mamanguape, Guarabira, Santa Rita, homens, mulheres e crianças enchendo as estradas em busca de Sapé.

Na cidade, de 9 da manhã até a hora do enterro, milhares de camponeses dividiram-se em aglomerações defronte do hospital, fazendo cada um, um pequeno comício. Em todas elas o assunto era João Pedro e a curiosidade girava em torno das versões, sempre várias, quase todas convergindo para um nome: o do mandante.

Cerca das 16 horas o corpo de João Pedro saía do Hospital Sá Andrade para as mãos dos camponeses, que o aguardavam ao lado de fora, a rua cheia.

À passagem do féretro, ninguém ficou em casa, a multidão tomando a avenida central de uma calçada a outra, parando o cortejo em frente à sede da Liga, para a última homenagem dos seus associados. Aí falou o desembargador João Santa Cruz, diante do corpo de João Pedro.

Saindo para o cemitério, o acompanhamento crescera duas vezes mais. Os que não seguiam o cortejo povoavam as janelas, algumas exibindo luto.

À beira do túmulo falaram Luís Bernardo, pelos trabalhadores da Paraíba; Hendrich Costa, pela UEEP (União Estadual dos Estudantes da Paraíba); os deputados Ray-mundo Asfora e Osmar Aquino, e o presidente da Federação das Ligas, Assis Lemos. Para todos, João Pedro foi o líder, deixando com a sua morte, o legado de sacrifício e de luta pela sobrevivência.

O discurso mais comovente foi o de Raymundo Asfora. Ele recitou uma oração fúnebre, repassada da mais funda emoção. Disse ele:

*Não vamos enterrar um homem, vamos plantá-lo. Vêde: os olhos de João Pedro ainda estão abertos. Eles viram muito, eles viram quase tudo. Agora, imobilizados para sempre, virados pela morte, eles continuarão ainda mais abertos, e nem a terra, que sempre viveu dentro deles, os fechará.*

*Pararam o teu coração. Sobre ele, trazias algumas cartilhas. O tiro de fuzil, ignóbil e covarde, num percurso diabólico, não apenas rebentou o teu peito, mas despedaçou os sonhos de educação dos teus filhos.*

*Os latifundiários julgaram que, com a tua morte, deixarias, apenas, uma viúva e onze filhos órfãos, mal supondo que, com ela, surgirão novos camponeses revoltados, outros João Pedro, numerosos outros lutadores.*

*Julgam que desapareceste e estás, agora, em toda parte. Eras a silhueta de um homem no asfalto e passas a ser uma sombra que se alonga pelos canaviais, que bate nas portas dos engenhos, que frequenta, em forma de remorso, as reuniões dos poderosos, que, hirtamente imóvel, se posta à frente da memória daquele que te matou e da consciência que te mandaram matar. Viraste zumbi, João Pedro, viraste assombração para os que odeiam os camponeses. Serás, para nós outros, todavia, o eterno irmão.*

As cerimônias fúnebres de João Pedro tiveram a presença do governador Pedro Gondim, representado pelo Chefe da Casa Civil, Sr. Waldir dos Santos Lima, que se fazia acompanhar do tenente Newton Leite, chefe da Casa Militar.

## DONA ELIZABETH

Dona Elizabeth é a viúva de João Pedro. Seu nome completo é Elizabeth Altina Teixeira. Com a morte do esposo, ficou com onze filhos. Fomos encontrá-la no hospital, os olhos vermelhos mas as faces contraídas para reprimir o choro. Recebeu a notícia com o marido recebeu a morte: estoicamente. E foi assim que recebeu o repórter, falando dos filhos, no marido e nas razões do seu assassinato.

Para Dona Elizabeth, seu marido foi assassinado a mando de latifundiários, por mãos criminosas de sicário assalariado. Na sua versão, os implicados são os donos das terras onde morou João Pedro e o sargento Severino Paulino, subcomissário de Sobrado, que teria perpetrado a emboscada. Isto ela contou pessoalmente ao chefe da Casa Civil do Governo, Sr. Waldir dos Santos Lima, dizendo: "Agora, eles estão de festa".

Com a denúncia, o representante do governador telefonou às pressas para João Pessoa, comunicando-se diretamente com o Sr. Pedro Gondim. As ordens foram drásticas: recolher imediatamente todo o policiamento de Sobrado.

## IMPLICAÇÕES

Além destas, há outras implicações. Revelou o advogado José Gomes da Silva que João Pedro vinha questionando há tempo com o proprietário Antônio Vítor, das terras de "Sono das Antas". Ele comprara as terras onde João Pedro trabalhava, que pertenciam a Manuel Justino da Costa, sogro de João Pedro, especialmente para despejar o líder das Ligas de Sapé. Para isso, moveu ação de posse que foi contestada. Inconformado com a decisão judicial, Antônio Vítor (Antônio José Tavares) moveu nova ação, desta vez proibindo que João Pedro continuasse plantando (interdito proibitório). Dessa questão e da atuação de João Pedro nas Ligas resultaram inimizades recíprocas, alimentadas há alguns anos. A semana passada, porém, Antônio Vítor propôs acordo com João, prometendo indenizá-lo com 100 mil cruzeiros, desde que ele saísse imediatamente de "Antas". João Pedro

deixou o caso para ser resolvido com o seu advogado, Sr. José Gomes. Marcada audiência entre as partes para segunda- feira, o Sr. Antônio Vítor não apareceu nem seu advogado, Sr. Miguel Paiva, que telefonou para José Gomes transferindo o encontro de 11 para 17 horas. Impossibilitado de ficar até essa hora, João Pedro delegou plenos poderes a seu advogado, alegando que teria de viajar no ônibus que partia naquele horário. Mesmo à hora posteriormente combinada, nem Antônio Vítor nem seu advogado compareceram ao escritório do Sr. José Gomes.

## O INQUÉRITO

Presidido pelo capitão Geraldo Gomes, o inquérito contava até à tarde de ontem com 14 depoimentos, inclusive do sogro de João Pedro, do sargento Paulino e do motorista Manassés, do DER, primeiro a encontrar João Pedro agonizante.